

## O músico do contrabaixo

A mulher não gozava de grande saúde e o homem lamentava a falta de trabalho, valendo-lhe às vezes o seu contrabaixo para aliviar as depressões e tristezas. O casal já não era jovem e ainda havia um bando de filharada para sustentar. Naquele tugúrio de casa raramente entrava carne ou peixe e a manteiga ou o leite eram guloseimas para dias de festa. Ali, naquela velha casa os potes ferviam a água que se evaporava muitas vezes quando não havia recheio para meter dentro deles. As noites eram campo fértil para a tosse cavernosa e seca que atacava o casal. Corria o mês de fevereiro e as árvores rangiam de frio, quase como em novembro ou dezembro. O vento gelava fazendo bater os dentes como castanholas desafinadas. De noite, não raras vezes, o músico do contrabaixo deambulava de um lado para outro carregado de pensamentos e preocupações.

Era fácil ver os olhos do homem luzirem no escuro como dois pirilampos que se confundiam com lobo ou lobisomem. Por vezes saía de casa durante a noite à procura de lenha ou de um qualquer cheiro a estrume e a leite de ovelha ou vaca leiteira. O seu olfato era apurado, e numa noite já avançada sopravam nele vapores tépidos saídos de curral, inebriando-o.

O homem do contrabaixo entrou e pôs-se a esgaravatar com as suas mãos pequenas e sapudas. A palha estava fresca, apetecível... Já lá dentro atirou-se para cima de qualquer coisa macia e quente... seria carneiro? Pensou, saindo-lhe a língua da boca de contentamento. Precipitou-se saindo dali quando as galinhas alvoroçadas protestavam dando o alarme do intruso. Já longe daquele lugar e quando o músico pensou que levava nas mãos um doce e tenro cordeirinho reparou que o que prendia nas mãos e arrastava pela neve era mais pesado e mais duro que um cordeiro de leite. Sentiu também que tinha outro odor e que do animal saíam sons esquisitos. Com indisfarçável repugnância deu um passo atrás. Era um cachorro cabeçudo com manchas pretas no rabo.

A manhã raiava devagar e a neve brilhava enquanto o cachorro ladrava olhando para aquele homem tentando compreendê-lo. O músico do contrabaixo chegou a casa mais pobre e mais triste, não conseguindo dormir porque o cheiro a leite de ovelha lhe dava um apetite devorador.

Olhando pela frincha do postigo, o músico deparou com fortes nuvens negras no céu onde se rasgavam relâmpagos pálidos e sinistros. Na sua alma desencadeava-se-lhe toda uma tempestade de revolta porque pensava que o mundo era injusto, desigual e perigoso. Ainda não muito velho se desiludiu da vida, não deixando de ser uma pessoa respeitadora e prestável.

Tinha algum jeito para a música, tocando numa filarmónica de Mateus. Tocava de ouvido um repertório popular e fácil. As rapsódias eram uma panóplia de temas colados uns aos outros, sem modulações nem grandes dificuldades técnicas. Caricato era o mestre da banda quando parava no final de um tema para começar outro. Isso criava

alguma expectativa e o povo até gostava. E os dançadores aproveitavam colando-se nas mãos e no corpo como se a música não tivesse parado. Nesses curtos intervalos havia músicos que no coreto, à socapa, aproveitavam para emborcarem pelo garrafão uma golada rápida e isso obedecia a muito treino e muita sede...

O músico do contrabaixo era um artista neste tipo de artimanhas, mas a verdade é que o homem tocava todas as notas escritas no seu papel. Tocava-as como podia e sabia.

Facilmente se emocionava com as pessoas quando elas falavam das desgraças da vida. O cansaço das horas arrastadas pelas dificuldades era compensado pelo seu espírito amigo e altruísta, encontrando a necessária inspiração nas notas dissonantes do seu contrabaixo. Também os cães do músico, já habituados àquele tocar desarticulado e descolorido fechavam os olhos na Rua da Moura na tentativa de adormecerem rapidamente. E conseguiam-no porque para eles aqueles eram os melhores sons do mundo porque eram associados ao dono que tudo fazia para que eles não morressem de fome. Lá bexigosos e escanzelados estavam, mas...por enquanto ainda vivos.